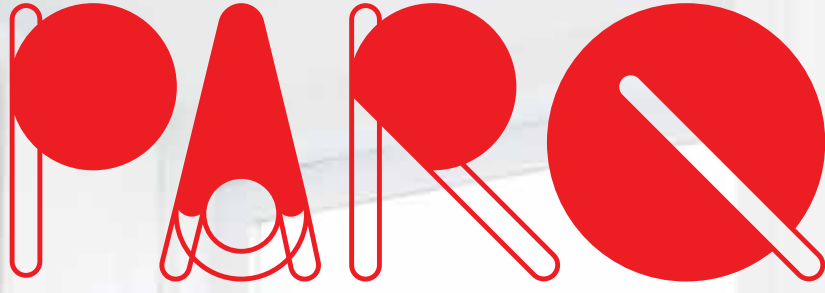


53
2008-2017



*Piigo Sa-Estra
Daniela Barros
Bruno Fernandes
Joana Linda
Jorge Guido
Marta
Salome Lamas
Talya Helier
Horacio Futuroso*



PARQ: Revista de tendências de distribuição gratuita.
Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2ºesq. 1000-251 Lisboa
Assinatura anual: 12 euros

www.parqmag.com

Director: Francisco Vaz Fernandes (francisco@parqmag.com) • Editor: Teresa Melo (teresa@parqmag.com)
Coordenação de Moda: Daniel Ribeiro & Sérgio Simões • Direcção de Arte: Valdemar Lamego (www.k-u-n-g.com)

Periodicidade: Bimestral • Depósito legal: 272758/08 • Registo ERC: 125392 • Edição: Conforto Moderno Uni, Lda. • NIF: 508 399 289
Propriedade: Conforto Moderno Uni, Lda. Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2ºesq. 1000-251 Lisboa • t- 00351 218 473 379
Impressão: Eurodois. R. Santo António 30, 2725 Sintra • 12.000 exemplares
Distribuição: Conforto Moderno Uni, Lda.

A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da Parq.
Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2017 PARQ.

Textos

Bráulio Amado, Carla Carbone, Carlos Alberto Oliveira, Diogo Simão, Filipa Henriques, Francisco Vaz Fernandes, Henry Sequeira, Joana Teixeira, Marcelo Marcelo, Maria São Miguel, Mariana Viseu, Rebeca Bonjour, Roger Winstanley, Rui Miguel Abreu, Sara Madeira, Teresa Melo

Fotos

António Medeiros, Carlota Andrade, Maria Rita, Sara Antepazo

Styling

Daniel Ribeiro, Joana Borger, Maria Cuntín Castro, Morgana Andrade, Sérgio Simões, Tiago Ferreira

2008

2017

Editorial

9 anos

Fazemos 9 anos e recentemente perguntaram-me por que é que a revista se chama PARQ ao que respondi que, primeiro, era um nome de sonoridade fácil e de entendimento em muitas línguas e depois porque oferecia as ressonâncias suficientes para aquilo que entendíamos ser o projeto. Algo que tinha a ver com espaço público, aberto a uma comunidade que tanto podia ser entendido como um parque urbano, como uma garagem, uma pista de skate ou como um espaço verde proporcionador de um momento de relax, fundamental para apreciar a nossa PARQ. Depois de 9 anos o projeto mantém os mesmos valores, achando que cada vez são mais pertinentes. Pelo menos conduzem-nos como uma bomba de oxigénio.

Para festejar a nossa edição de 9 anos lembramo-nos de trazer nove indivíduos com projetos que nos inspiram. Alguns deles já foram foco do nosso interesse em edições anteriores outros são estreias absolutas. Todos eles são a claridade que nos ilumina nesta edição de aniversário.

Francisco Vaz Fernandes



t-shirt + calças de fato de treino FILA, jeans LEVI'S 501 SKINNY, tênis FILA, meias do stylist



t-shirt LEVI'S, jeans LEVI'S 501 SKINNY, óculos GUCCI na André Ópticas, mala e sapatos DIOR na Loja das Meias

fotografia por Maria Rita
styling por Tiago Ferreira ass.: João Luz
hair por Wellington de Oliveira
make-up por Verónica Zoio
modelos Samuel Sauvage @ Karacter
Models e Irina @ Blast Models

Agradecimento especial: AP da Moda



óculos de sol na André Ópticas, anel JULIETA, casaco FILA, cueca do stylist



óculos CHANEL na André Ópticas, camisas + saia H&M, cinto PEDRO PEDRO, brincos DIOR na Loja das Meias

You Must



06 Los Carpinteros



08 Ren Hang



10 Jaime Hayon



12 Ryan Mcginley
14 Crocs
16 Hugo Costa



18 David Brandon
20 Miranda July



21 Ama-San
22 Saricotango
23 Beauty
24 Fred Perry
24 Merrell

25 Primavera Sound



26 Dirty Projectors



27 Tyler the Creator
28 Shopping 4 him
29 Shopping 4 her

Central

9 years 9 profiles

30 Bruno Pernadas
Música

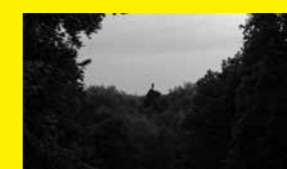
32 Jorge Caiado
Clubbing



34 Daniela Barros
Moda



36 Joana Linda
Fotografia



38 Salomé Lamas
Cinema



40 Murta
Street Art



42 Fala Atelier
Arquitectura



44 Tiago Sá Costa
Design



46 Horácio Frutuoso
Arte

Fashion Editorial

48 We Matter

58 Under Pressure

Parq Here

64 Delidelux Avenida
64 Mercado 48
65 Vintage Department



Los Carpinteros

Entrevista em www.parymag.com

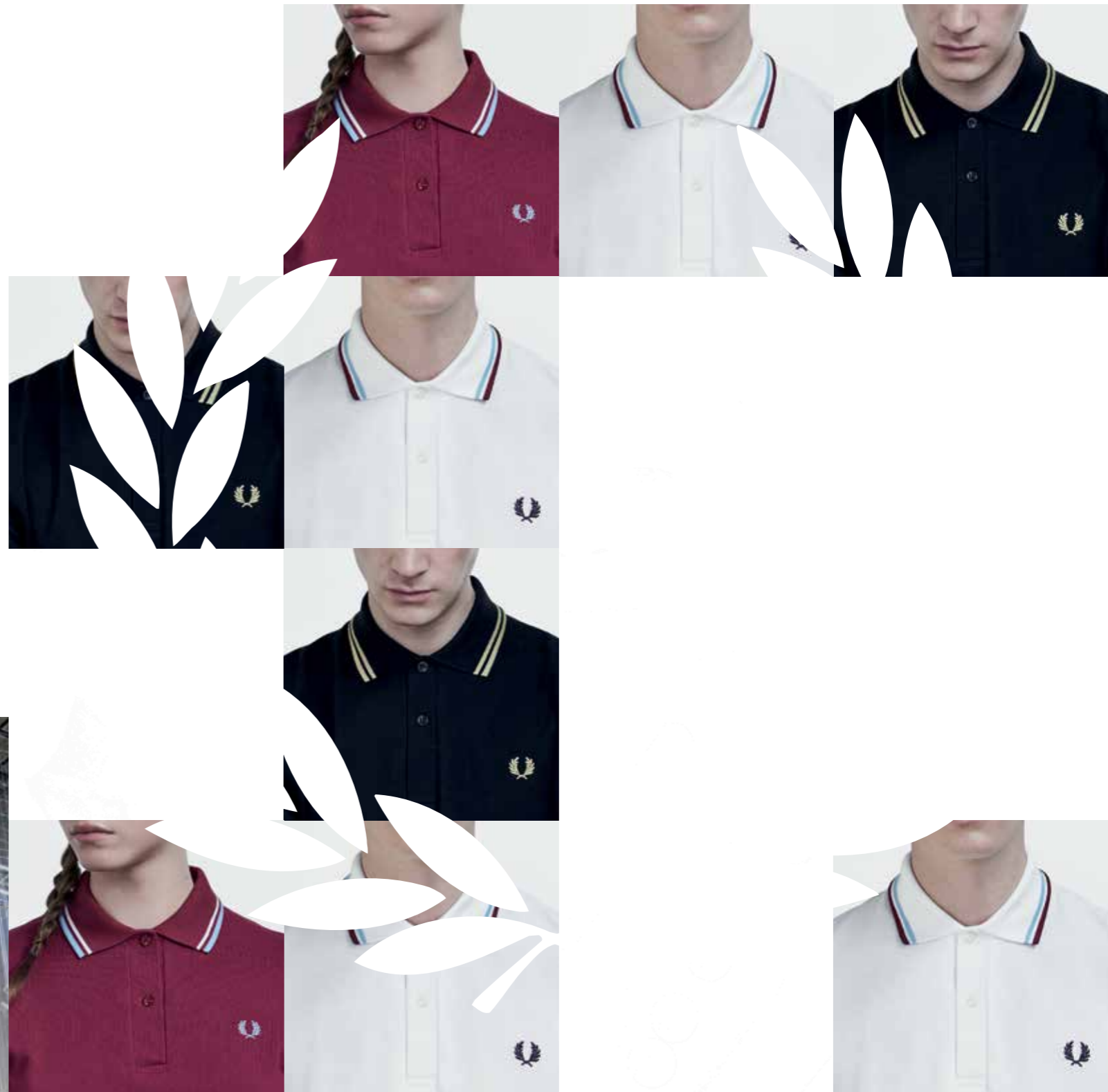
texto por Francisco Vaz Fernandes

Dentro do contexto *Lisboa 2017 – Capital Ibero Americana*, as carpintarias de São Lázaro (agora geridas pelas Rede Art Agency) recebem os LOS CARPINTEROS, uma dupla de artistas cubanos que, nos últimos anos, a partir de Madrid onde fixaram residência, têm ganho um aclamado interesse internacional. Para Lisboa criaram agora uma instalação –*Show Room*– que simula um espaço sujeito a uma explosão, cristalizando o momento em que ocorre e permitindo ao espetador focar-se nas milhares de partículas suspensas, referentes a um stand da Ikea com mobiliário dilacerado. É uma obra de grande impacto visual que já tinha sido ensaiada noutras ocasiões e com outros materiais nomeadamente livros, literatura ideológica, que ocupou as bibliotecas dos cubanos, agora, mais ou menos obsoleta.

Segundo MARCO CASTILLO, um dos membros dos LOS CARPINTEROS, a questão do tempo está muito presente na conceção e nos meios de produção da sua obra. Neste caso, refere-se a um tempo cronometrado, suspenso, tal como podemos encontrar numa fotografia. Refere-se também, ao tempo de produção e até a uma ideia de sacrifício como era vivido em Cuba. A minúcia que os LOS CARPINTEROS colocam na produção das suas peças requer elaboradas técnicas antigas e artesanais, as quais se reportam a um tempo manual e a uma conceção de um tempo alargado. Essa dualidade esteve sempre presente no seu trabalho e é a base da sua matéria crítica como justifica, MARCO CASTILLO. Apesar de serem formados pela arte conceptual, eles sempre se sentiram desajustados do seu tempo explicando que esse desajuste lhes permite uma distância relativamente à realidade vivida durante o regime cubano e a realidade apresentada pelas idiosincrasias que prevalecem na arte contemporânea e na sociedade ocidental em geral. Esse mesmo desajuste permite-lhes a liberdade de saltarem ideias preconcebidas e percorrerem outras áreas disciplinares como a arquitetura e o design compondo projetos nas suas fronteiras.



Carpintarias de S. Lázaro
Rua de São Lázaro, 72, Lisboa
Fev — Abr 2017



FRED PERRY

FREDPERRY.COM

Authentic Stores:
NorteShopping - Arrábida Shopping - Rua do Ouro, Lisboa
El Corte Inglés Gaia e Lisboa

Ren Hang

texto por Joana Teixeira

O Foam Fotografiemuseum, em Amsterdão, apresenta a exposição *Naked/Nude* do fotógrafo chinês REN HANG. Controverso e irreverente, nesta série de imagens HANG explora o conceito de nudez com naturalidade, esvaziando-o de qualquer possível carga pornográfica. Os modelos surgem nus, em poses orgânicas e esculturais, escrevendo poesia com o corpo. É quase romântico observar o jogo de formas nas imagens do fotógrafo –jogo que resulta em composições equilibradas entre a nudez óbvia e acessórios absurdos como frutas, plantas e animais.

Em *Naked/Nude*, as mulheres representam o conceito de beleza do próprio HANG: pele branca, cabelo preto e lábios vermelhos. A sua estética *au naturel* confronta-nos com o instinto de desviar o olhar perante o nu, com a pretensão de desmistificar a sexualidade como tabu –elevando o corpo humano a património escultural. REN HANG conseguiu expor a sua ideia visual de beleza ao mundo antes de morrer, em fevereiro. Fica o seu jovem legado de provocação imagética, impresso em fotografias de uma poesia quase tão sexual quanto ingénuo, em exposição no Foam até 12 de Março.

www.foam.org



Untitled, 2016 ©REN HANG
courtesy Stieglitz19



Untitled, 2013 ©REN HANG
courtesy Stieglitz19



Untitled, 2016 ©REN HANG
courtesy Stieglitz19



Jaime Hayon

texto por Joana Teixeira



Vista Alegre, ©JAIME HAYON

JAIME HAYON é um designer espanhol com uma carreira multifacetada de idealização de interiores, mobiliário, iluminação, decoração e acessórios. Nomeado pela revista Time como um dos 100 criadores mais influentes da nossa geração, HAYON estudou Design Industrial em Madrid e Paris e passou pela *Fabrica* –Academia italiana de design e comunicação financiada pela Benetton. O designer foca-se na produção de peças funcionais e intemporais, que despertem emoções e influenciem positivamente o estilo de vida de quem as usa. Desafia os dogmas do design contemporâneo explorando novas perspectivas que colocam arte, artesanato e design numa simbiose perfeita. HAYON acredita no poder do mobiliário de transformar uma casa num lar, contribuindo para a criação de um ambiente acolhedor se for de qualidade, confortável e bem posicionado no espaço. Já trabalhou para Metalarte, Baccart e BD Barcelona, entre outras marcas internacionais, tendo inclusive criado este ano uma coleção de peças de cerâmica juntamente com a Vista Alegre e Bordallo Pinheiro. O seu percurso de sucesso culmina na sua maior obra até à data –o design do interior do Hotel Barceló, em Madrid. Fugindo da estética tradicional, HAYON criou uma linguagem visual que representa a riqueza e diversidade desta cidade através de esculturas animais, detalhes decorativos perspicazes, cores suaves e uma iluminação elegante.

www.hayonstudio.com



Hotel Barceló, ©JAIME HAYON



Teenagers

Ryan McGinley

texto por Francisco Vaz Fernandes

Os teenagers de RYAN MCGINLEY acamparam no Museu de Arte Contemporânea de Denver (MCA Denver). Até 20 de Agosto deste ano, o museu na capital do Colorado mantém as portas abertas ao universo juvenil de uma Manhattan underground do final dos anos 90 ao qual o fotógrafo pertencia e que ficou popularizado a partir das imagens do seu auto-publicado álbum fotográfico, intitulado *Kids are Alright*. Nele representava-se um registo fotográfico íntimo e compulsivo dos amigos e amantes, grande parte deles em horas de fruição e prazer. O impacto das suas imagens foi estrondoso, tendo recebido o convite para uma exposição individual no Whitney Museum de Nova Iorque aos 25 anos, o mais jovem artista de sempre a expor nesse centro cultural.

Quase 20 anos depois, muito longe daquele rapaz tímido que fez uma seleção das suas primeiras imagens para o seu primeiro álbum fotográfico, MCGINLEY volta aos inícios da sua juventude para mostrar muito do que não foi revelado na altura. São acrescentadas fotos nunca então vistas, assim como um conjunto de 1500 polaroids que, no essencial, criam um rosto de todos aqueles indivíduos que já nos eram de algumas formas familiares. RYAN MCGINLEY parece querer chegar aos amigos que foram relevantes nesse período de tempo, cujas identidades estavam difusas no seu primeiro álbum fotográfico. Cada um desses indivíduos foi fundamental para toda a atenção que MCGINLEY recebeu do meio artístico. Este emocionou-se com a proximidade com que McGinley registava esses corpos que se ofereciam às lentes da câmara, captando imagens de grande liberdade emocional e autenticidade única. Nessas fotografias, MCGINLEY nunca era um elemento externo à procura de um bom objeto fotográfico. A distância entre sujeito e objeto era mínima e os diferentes rostos captados eram um eco do seu próprio retrato individual, diluído entre os que compunham a sua tribo e uma certa geração em Nova Iorque naquele momento



Self Portrait, ©RYAN MCGINLEY

Vindo de New Jersey para Nova Iorque, MCGINLEY regista os encontros, as experiências e os excessos que não lhe eram permitidos fora do seu contexto familiar. As suas imagens chocam com um certo idealismo que a sociedade americana fabricou para a sua própria juventude e que marginalizava como opção. Excluídos e auto-excluindo-se, os jovens de MCGINLEY encontram a sua liberdade nesse território de permissões, onde modelam as suas individualidades num quadro underground de Nova Iorque. MCGINLEY coloca-se assim na esteira de trabalhos fotográficos de grande relevância como o de LARRY CLARK, que em *Tulsa*, cria um retrato da juventude desocupada e violenta que reencontrou depois de anos de afastamento da sua pequena cidade de interior. Mergulha igualmente no universo de afetos em que se desenvolve a fotografia de NAN GOLDIN, em *Ballad of Sexual Dependency*. Em todos encontramos a imagem íntima de uma outra América fora do discurso oficial.

O catálogo da exposição da responsabilidade da Rizzoli, ou seja, profundamente difundido, será a cereja no topo do bolo, já que reedita o primeiro álbum de MCGINLEY, *The Kids are Alright*, agora diluídos entre muitas outras imagens do período que vai de 1999 a 2003 e quatro textos introdutórios de contexto crítico.



Having Sex, ©RYAN MCGINLEY



Dan dusted 2002, ©RYAN MCGINLEY



Dan 7:33pm
12.03.2002, ©RYAN MCGINLEY

www.ryanmcginley.com



Lizzy 27.08.2002, ©RYAN MCGINLEY



Lizzy 2002, ©RYAN MCGINLEY

Crocs

texto por Francisco Vaz Fernandes

by PARQ

Depois do seu auge no final da primeira década deste milénio, muito do que restou da Crocs, foi a imagem de um calçado universal dirigido a todos, porém preferido pelos profissionais da saúde, e adaptado a crianças, que encontravam nesses sapatos características anti-derrapantes e anti-bacterianos, tão essenciais, como o conforto e a durabilidade. Sobrevivendo à massificação do seu sucesso a Crocs diversificou aos poucos a sua oferta e está preparada para o seu próximo passo: alcançar o patamar da moda. O pontapé de saída mais mediático, pertenceu à colaboração celebrada com o designer de moda inglês que na estação passada, para grande surpresa, calçou todas as modelos do desfile com Crocs em harmonia com as silhuetas super femininas e requintadas que caracterizam as suas criações. Recentemente, quando apresentou a coleção para o próximo inverno, voltou a desfilar as suas propostas com Crocs. De resto, esta estação foi marcada pela adesão dos designers de moda a colaborações com as grandes marcas da indústria de vestuário.

A Parq conheceu a coleção da Crocs, escolheu os seus modelos favoritos e criou estas páginas, contribuindo para a interpretação da marca dentro de um universo de moda.



camisa Giovanni Galli



calças Cheap Monday

BREVE HISTÓRIA DA CROCS

A Crocs foi criada por 3 jovens executivos americanos e velejadores da cidade de Boulder no estado do Colorado, que procuravam um calçado perfeito para usar em barcos: confortável, antiderrapante e que não acumulasse água. Descontentes com os produtos que existiam no mercado, eles resolveram desenvolver o seu próprio modelo tendo por base resina inovadora que tinha aparecido no mercado em 1999, a *croslite* que era resistente ao odor (bactérias e fungos), leve, resistente e antiderrapante. A empresa ficou conhecida por CROCS, uma abreviatura em inglês para crocodilo, aludindo à grande resistência desse animal. Inicialmente o intuito era vender o calçado para velejadores, devido à sua sola antiderrapante que não marcava o deque dos barcos. Contudo, depressa descobriram que calçado que não escorrega, não produz cheiro e é impermeável. Estavam, assim, certamente fadados a um sucesso inimaginável.

foto por Maria Rita
 produção por Tiago Ferreira
 ass. por João Luz
 make-up por Verónica Zoio
 hair por Wellington de Oliveira
 ass. por Jonathan Lins

modelos Cláudio + Xiaodi
 (Karacter Models)
 roupa e acessórios Filipe Faisca SS17

Agradecimento especial: Birdsong
 PR&Office e Filipe Faisca



Hugo Costa

Polo Norte

texto por Francisco Vaz Fernandes
foto por Ugo Camera

HUGO COSTA apresentou em Paris, no final de Janeiro, a sua coleção FW17. Esta é a segunda incursão de HUGO COSTA na capital francesa, apoiada pelo *Portugal Fashion*, sendo que nesta ocasião, trouxe a perspetiva de uma maior divulgação e impacto internacional uma vez que a sua apresentação entrava nos circuitos oficiais da *Mode à Paris*, federação que gere o calendário da moda em Paris. Segundo HUGO COSTA, a entrada para o calendário oficial das coleções de Homem em Paris é um momento de vitória, consequência da boa imagem que deixou no seu último desfile.



Desta vez, não houve propriamente um desfile como acontecera da última vez, mas uma apresentação da coleção. Esta acabou por ser uma condição imposta pela Federação da *Mode à Paris*, por se tratar de um jovem criador que entra num calendário, onde os desfiles dos criadores mais conhecidos já se sobrepõem. Ou seja, optou-se por uma performance, onde basicamente os modelos entravam na sala de exposição e desenvolviam um pequeno percurso até um conjunto de cubos, onde permaneciam cerca de 10 minutos, descendo depois para uma muda de roupa, repetindo a performance inicial. Não havendo hora obrigatória de entrada, o público ia chegando, circulando em torno e partindo, porque a performance repetia-se em várias sessões. Num horário alargado há sempre a vantagem de assegurar um maior número de público profissional da área que geralmente está sobrecarregado de desfiles, conseguindo desta forma, agilizar a sua agenda e garantir a sua presença.

A imagem de um ambiente glaciário predominava. HUGO COSTA inspirou-se nos ambientes inóspitos de Roald Amundsen, o primeiro explorador norueguês a chegar ao Polo Norte, que viveu sempre pelo desejo de descoberta e exploração do desconhecido. Nesse sentido, as peças de HUGO COSTA são como que uma barreira

protetora, uma segunda pele exterior, abordando o universo utilitário com silhuetas que resultam de especificidades técnicas. São a evocação a um faradamento de uma missão glaciária sem com isso nunca sair do seu próprio ADN, que mantém o streetwear como referência. Ou seja, roupa com um look masculino, jovem, confortável, adaptada para o dia à dia. Apesar de terem ganho brilho, superfícies plastificadas e alguma rigidez que alimentam a ilusão de percecionarmos roupa tecnológica, na base, contamos com uma coleção confeccionada com tecidos tradicionais, confortáveis, submetidos a uma série de tratamentos e experiências desenvolvidas pelo criador.



B O U N

D L

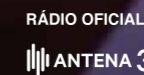
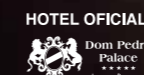
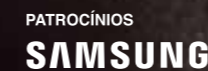
E S S

MODALISBOA™

LISBOAFASHIONWEEK

FW 17/18
9, 10, 11, 12 MARÇO
CCB

#modalisboa #lisboafashionweek
www.modalisboa.pt



PARCEIROS E COLABORAÇÕES



©Modalisboa 2017. Photo: Rui Aguiar. Model: Karlaeter - Fernando Cabral. Design: thisislove studio

David Brandon Geeting

texto por Bráulio Amado
& Alis Atwell

DAVID BRANDON GEETING tem vinte e poucos anos e é considerado um dos jovens fotógrafos mais proeminentes do circuito novo-iorquino de moda, arte e música. Já fotografou para a TheFader, Süddeutsche Zeitung, T magazine, Surface, Adidas, Billboard, e até para os nossos portugueses, Paus.

Gostas muito de astrologia, como é que os signos astrológicos se manifestam no teu trabalho?

Sou do signo Peixe, que é conhecido pela capacidade de captar tudo que está à sua volta e aglutinar os vários elementos para criar algo de novo. Algumas pessoas consideram o signo da simulação que tenta imitar várias coisas ao mesmo tempo. Não concordo com essa nota negativa, até porque se combinares todas as cores do arco-íris o que resulta é branco.

Qual é o teu sentimento relativo a Nova Iorque? Ainda é um bom sítio para se ser criativo, ou tudo isso acabou?

Nova Iorque é o melhor lugar do mundo, quando vou para fora, sinto que estou fora do meu ambiente. Se, por um lado, me posso sentir relaxado, por outro, o silêncio assusta-me. Gosto de estar com pessoas, de uma certa agitação que possa estar a acontecer à minha volta. Em termos de criatividade, Nova Iorque não poderia ser melhor fonte de inspiração. Andar na rua diariamente é um motivo de descobertas imprevisíveis, seja uma nota de 20 dólares na lama ou uma idosa maravilhosamente vestida ou um condomínio feio de vidro que juraria não estar ali duas horas atrás. O volume de coisas que acontecem aqui alimentam o meu cérebro.

Se pudesses recuar 5 anos que conselho estarias a dar a ti mesmo em termos de carreira?

Liga menos ao que as pessoas pensam, não olhes para as fotografias dos outros e segue sempre o teu instinto.

Antes de te conhecermos, já seguíamos o teu trabalho enquanto membro da antiga banda, Street Smart Cyclist. Encontras similitudes entre criar música e artes visuais? Que peso têm ambas na tua vida?

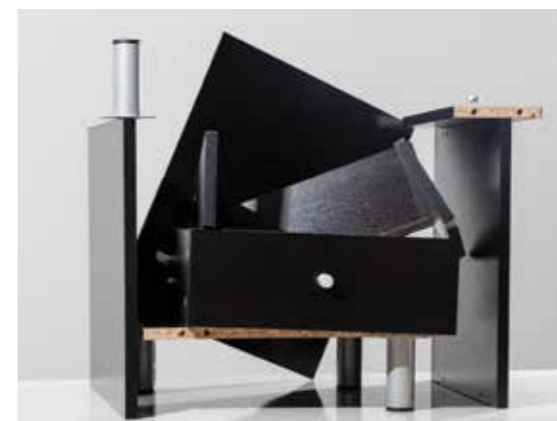
Sem música não teria ideia do que fazer enquanto artista visual. Não teria ideia como organizar o meu tempo, fazer networking ou mesmo improvisar. Tudo que aprendi dos valores punk ajudaram a realizar-me enquanto artista, independentemente do que esteja a fazer. Mesmo que esteja a fazer sequências de imagens, estou a pensar em composição de letras. Começo a pensar na dinâmica no volume, em notas altas e baixas, cordas felizes e tristes mesmo que esteja a fazer uma fotografia. É impossível sair da influência da música e confesso que queria que não fosse diferente.

O teu trabalho inicial influenciou muitos fotógrafos jovens. Tens algum conselho para quem está a começar o seu percurso?

O conselho mais útil para os jovens fotógrafos é não hesitarem nem um segundo. Aquele email para o editor que estejam a elaborar há 15 dias, enviem-no simplesmente. Coloquem o anúncio para juntar modelos para aquele projeto que já contaste aos amigos uma dúzia de vezes, e que nunca acontece. Se estão com consciência pesada por não saírem de casa com a máquina porque estão com frio então saiam. Façam o que sabem, o que é preciso fazer sem ter que pensar muito. Os momentos mais interessantes e enriquecedores da minha carreira foram quando eu arrisquei só para ver o que acontecia.



www.dbg.nyc



De Portland para o mundo

Miranda July

texto por Filipa Henriques



The Future,
Miranda July & Hamish Linklater

Joanie4Jackie
(arquivo 1995—2003).
Miller Gallery, Pittsburgh 2015

Big Miss Moviola
+ Miranda July
+ Octant, Pratt Films, poster



Em 2005 MIRANDA JULY foi uma das duas mulheres seleccionadas para a Competição Internacional de longas-metragens do Festival de Sundance, com *Me and You and Everyone We Know*, filme que a inseriu na comunidade do cinema independente americano. No entanto, o seu trabalho pelo cinema feminino não começou aí. Foi em 1995, saída da faculdade e pronta para começar a realizar, que se mudou para Portland e começou o projecto JOANIE 4 JACKIE (inicialmente BIG MISS MOVIOLA), criando ligações entre diferentes artistas e cineastas femininas em todo o continente americano. JOANIE 4 JACKIE consistia na promoção e distribuição de filmes através de cassetes —“Uma promessa e um desafio: envias-me o teu filme e eu envio-te a mais recente cassette Big Miss Moviola.”. Todos os filmes que passaram pelas mãos de MIRANDA têm hoje direito a um arquivo digital. Entre 1995 e 2003, MIRANDA gravou, cerca de 19 cassetes, aceitando e partilhando todos os filmes que entravam na sua caixa de correio, anexando ainda uma série de textos da autoria das realizadoras escolhidas para cada cassette.

O trabalho de MIRANDA na distribuição de cinema feminino foi dos mais importantes da época —pela motivação e força dada às artistas que estavam então a iniciar a sua carreira, como foi o caso da artista K8 HARDY e da actriz SARAH GERTRUDE SHAPIRO. Para MIRANDA, os arquivos de J4J “existem apenas para vos dar ideias —sobre a construção de comunidades, realização, activismo... e sobreviver a corações despedaçados. A mulher que começa a revolução é sempre a mais solitária, a que tem mais horas negras para preencher e menos a perder. Eu comecei com um panfleto, como começaram vocês?”.

Ama-San

Cláudia Varejão

texto por Rebeca Bonjour

Ama-San, documentário da portuguesa CLÁUDIA VAREJÃO, retrata a milenar tradição japonesa da pesca em apneia, praticada apenas por mulheres. Entre as imagens dos preparativos, —o vestir o fato de borracha, o enrolar o pano tradicional que lhes protege a cabeça e o colocar a máscara— do barco, do mergulho, e já no mar à procura de marisco, surgem reflexos do seu dia-a-dia. Vemos as *Ama* nas suas casas, com as suas famílias, a comer, a rezar ou em jantares comemorativos. Entramos assim no seu quotidiano, ficando a conhecer estas mulheres fortes e independentes, os seus momentos de vitória, mas também os seus receios.



CLÁUDIA VAREJÃO não facilita, no entanto, a compreensão de todos estes rituais. Num explorar constante da fronteira entre documentário e ficção, vão-nos sendo transmitidos na sucessão das imagens; os intervenientes nunca olham a câmara e não há depoimentos ou explicações, fazendo-nos sentir uma espécie de voyeurs espiando a vida destas mulheres. Sem a distração que poderia advir destes depoimentos, os planos belissimamente captados, encham-nos os olhos, exigindo-nos o tempo de serem saboreados, de serem digeridos.

O tempo é assim um elemento fundamental da narrativa deste filme. Tudo se demora, remetendo-nos para a tranquilidade do fundo do mar, para o ritmo desacelerado da pequena aldeia onde vivem as *Ama* e para a sua candura, a forma pacífica como aceitam uma profissão que pouco tem de fácil —não as víssemos também em frente a uma lareira, tentando devolver o calor ao corpo, partilhando as idas ao médico e os problemas de surdez.

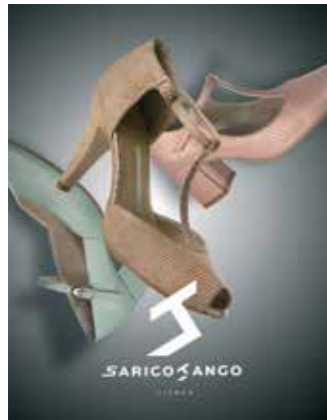
Ama-San torna-se assim num filme apaziguante, que serve o propósito de nos transportar para o outro lado do mundo, fazendo-nos mergulhar numa torrente de cores, de cheiros e sensações. Desengane-se, contudo aquele que procura satisfazer com este documentário a curiosidade sobre os processos inerentes a esta profissão. Tentando manter a mística da tradição, nesse arrebatamento que sentiu pelas *Ama*, CLÁUDIA VAREJÃO não revela os seus mistérios, e levanta-nos mais questões do que aquelas que responde.



texto por Francisco Vaz Fernandes
foto por Valeria Galizzi Santacroce

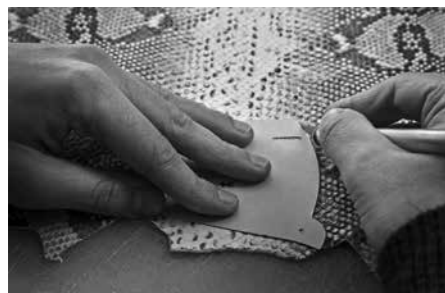
Saricotango

Diz-se que o maior tesouro das mulheres são os sapatos, pelo menos é assim que pensa SARA FRANCO, fundadora do SARICOTANGO, uma nova marca portuguesa de sapatos de mulher. A paixão, enquanto consumidora, levaram-na a criar a sua própria linha que reflete o seu universo. Apaixonada por movimento, a dança, nomeadamente pelo tango, a jovem empresária exigia, antes de mais, acrescentar ao panorama nacional, sapatos fiáveis, bem construídos e confortáveis. Pretendia ir ao encontro dos modelos clássicos facilmente reconhecíveis, mas que tivessem sempre um apontamento que pode passar pela qualidade das peles ou qualquer outro detalhe que os diferencie e os coloque num patamar acima. Ou seja, cumprir o que poderia ser uma contradição, sapatos intemporais, mas simultaneamente, moda.



Porque o detalhe é um fator muito importante na Saricotango, o processo de fabrico é tradicional, aproveitando a mestria manual que ainda reside nos pequenos ateliers de calçado. Basicamente, cada exemplar é acarinhado desde a nascença pela mão de um sapateiro, garantindo uma montagem e um acabamento perfeitos e únicos. Uma a uma, as formas são enchidas manualmente. O corte dos materiais é desenhado pela pressão manual do xisato contra a bancada. As costuras, pespontos e fivelas são meticulosamente costurados pela gaspeadeira que também perfura, milimetricamente, a pele. Os pregos têm a precisão do martelo. A cola é cuidadosamente aplicada para não deixar vestígios. Finalizado o longo processo de fabrico, dado o último olhar, cada par é aconchegado pelas mãos dos artesãos, numa folha de papel especial e fielmente guardado numa caixa até chegar ao seu destino.

A campanha de lançamento que traz os modelos da SARICOTANGO para um terreno de alta performance, contou com o desenho de comunicação global da diretora criativa e fotógrafa italiana, VALERIA GALIZZI SANTACROCE que procurou frisar o carácter casual-chic dos sapatos ao mesmo tempo que promete cumprir a passada do dia sempre em conforto, tal e qual um atleta nas suas provas. Ou seja a marca SARICOTANGO são, acima de tudo, uns sapatos para dançar no dia-a-dia sempre com um toque de classe.



www.saricotango.com
instagram.com/saricotango

texto por Sara Madeira

Beauty



ABSOLUTE GUILTY

Pela primeira vez, o diretor criativo da Gucci, ALESSANDRO MICHELE esteve envolvido na criação de um perfume em conjunto com o mestre perfumista, ALBERTO MORILLAS.

ALESSANDRO MICHELE procurou que o novo *Absolute da Guilty* fosse uma aproximação da conceção de masculinidade emancipada que a marca tem vindo a desenvolver. No essencial é um perfume em que o vetiver combina exemplarmente com o odor misterioso do couro. O frasco mantém essa ressonância dos grandes prazeres antigos com referências ao cognac e charutos.



LA PETITE

Dentro do espírito sempre elegante e adaptado a todas as situações, a coleção *La petite Robe Noir* volta a lançar novos membros super perfumados. Destacamos a nova máscara que promete comprimento, definição, curvatura e volume, tudo numa única escova. Já o *Lip&Cheek* é um gel líquido, oil free, que dá um tom natural tanto às bochechas como aos lábios. A fórmula foi pensada para ficar bem independentemente do tom da pele e pigmentação dos lábios, ganhando um efeito de preenchimento.



TONIC

A pensar num homem mais jovem ou, pelo menos, mais descontraído durante as suas horas de lazer, a Hugo Boss lançou a *Boss Bottle tonic* num vibrante cor azul sintonizado com uma perspetiva positiva da vida. Esta fragrância explora a mistura elegante de notas sofisticadas de limão, especiarias e madeiras que aportam uma dimensão de leveza e de frescura à fragrância clássica.

Agradecimento : Carlos Carvalho / Os Belenenses



Atitude Ska



Fred Perry volta à reinterpretação moderna das peças icônicas. Destacamos, nesta estação, o familiar padrão de xadrez monocromático da era *Ska* que aparece em várias peças, assim como, o *Polka dot* e as riscas que permitem uma afirmação gráfica arrojada, presente nos polos e malhas Oxford. O desporto tem ganho assim o coração da *Authentic Collection*, com detalhes-chave ampliados para esta temporada respondendo assim aos apelos de uma moda atual e à tradição do seu arquivo.

Nunca esquecer o pólo Fred Perry que foi a primeira peça a ter as legendárias riscas 5-4-4, e que continua no centro de tudo o que marca faz. Fabricado em piqué 100% algodão, as características fundamentais incluem o colarinho de dois botões e a coroa de louros bordada no peito.

texto por Maria São Miguel

É Natural



Em todas as estações, a Merrell traz-nos novos argumentos para sairmos de casa e desfrutar a natureza. Nesta primavera, a marca pede-nos, antes de tudo, para acelerarmos com duas atraentes propostas trail-running. Quando nos referimos ao *Agility Peak Flex* e o nome fala por si só, aludimos à agilidade e flexibilidade associadas ao amortecimento *FLEXconnet™*, desenvolvido com base no esqueleto do pé, para uma mobilidade superior. Este modelo potencia longas corridas, inclusive em terreno rugoso. Possui um ajuste perfeito que dá uma segurança extra durante as descidas. Ainda no registo trail-running, destacamos igualmente o modelo *Dexterity* que é uma ótima opção para corrida dinâmica, de obstáculos e em terrenos lamacentos e desnivelados. Ou seja, no topo dos desafios, podemos ter máxima segurança com este modelo que respeita os movimentos naturais da corrida através de uma construção leve e minimalista. A rede e gáspeas em materiais sintéticos, tornam este modelo uma opção vegan.

Se é ritmo a mais, o que se compreende, o melhor é deitar o olho para os novos *Versent Leather Perf* e os *Versent Tech*, duas boas opções para aventuras outdoor ligeiras e urbanas. Inspirados nos corredores mas desenhados para o asfalto, o uso da pele perfurada no primeiro caso e da gáspea em rede perfurada no segundo modelo dão um toque distinto de sofisticação às duas linhas, ao mesmo tempo que garante a ventilação sempre desejável no verão.

texto por Maria São Miguel

Primavera Sound

texto por Carlos Alberto Oliveira



Como que a abrir as hostilidades da época, GOLDFRAPP é, sem sombra de dúvida, um dos regressos mais apreciados para esta Primavera com o disco *Silver Eye*, que sucede a *Tales of Us* de 2013. O disco já tem o tema "Anymore" como single de avanço.

Entusiamo partilhado, diga-se o mesmo, com o regresso da icónica artista soprano experimental e avant-garde, DIAMANDA GALÁS, que se prepara para lançar dois novos álbuns nestes dias primaveris. Os lançamentos incluem *All The Way*, uma coleção de tradicionais e Jazz standards com arranjos únicos de GALÁS e um concerto em Saint Thomas, *The Apostle Harlem*, um álbum gravado ao vivo durante o Festival de Nova York Red Bull Music Academy no ano passado.



O produtor venezuelano ARCA, que dispensa apresentações, principalmente depois de ter trabalhado com BJORK em *Vulnicura* e sobretudo pela edição dos seus extraordinários *Xen* e *Mutant*, edita a 7 de abril o seu novo álbum *Arca* pela editora XL Recordings. O magnífico single "Piel" pronuncia mais um trabalho de excelência do artista.

Os canadianos TIMBER TIMBRE já avançaram com o single "Velvet Gloves & Spit" que é retirado do seu novo álbum *Sincerely, Future Pollution* a ser editado em 7 de abril via City Slang.

Também do Canadá, a banda THE NEW PORNOGRAPHERS está de volta com o já conhecido single, "High Ticket Attractions". O álbum *Whiteout Conditions* será editado a 7 de abril via Concord Music Group.

Os FUTURE ISLANDS preparam-se para lançar a 7 de abril via 4AD, o seu quinto álbum de estúdio, *The Far Field*. O single "Ran" levanta as habituais questões relativamente aos níveis de sucesso alcançados com trabalhos anteriores, sobretudo porque vem na sequência do sucesso massivo que a banda conheceu com o seu último álbum de singles.

O misterioso duo californiano TASHAKI MIYAKI, sobretudo por até ao momento apostarem na sua ausência das redes sociais e algumas plataformas de divulgação musical, dão o pontapé de saída com o single "Girls on T.V." para a apresentação do seu novo álbum *The Dream*, que sairá a 7 de abril via Metropolis Records.

Bons ventos vindos da Austrália com os POND, a bandpsych-rock encabeçada pelo ex-baixista dos TAME IMPALA, NICK ALLBROOK, que apresenta um novo álbum *The Weather*, no dia 5 de maio via Marathon Artists. Há já um single retirado deste novo registo de originais: "Sweep Me Off My Feet".

Parece que já foi há décadas que FATHER JOHN MISTY abandonou os FLEET FOXES, mas a verdade é que a sua presença tem sido uma constante no panorama musical e este ano já apresentou um tema novo "Pure Comedy", retirado do seu novo álbum com o mesmo nome e que será editado a 7 de abril.

Quem também tem um álbum novo, a ser editado esta primavera, é a surpreendente JULIA HOLTER. Gravado nos Estúdios RAK Studios, dá pelo nome de *In The Same Room*, via Domino Documents e terá uma edição limitada em Vinil colorido e com Polaroids exclusivas.

Dirty Projectors

texto por Carlos Alberto Oliveira
foto por Jason Frank Rothenberg

Nunca uma separação espelhou tão bem a sensação de abandono, descrença e solidão de forma luminosa. DIRTY PROJECTORS é a busca de uma identidade própria que, a partir de uma introspeção pessoal, tenta resgatar o coração destroçado de DAVE LONGSTRETH, após a separação da sua companheira de banda e amada, AMBER COFFMAN. Mais do que expurgar o seu desalento, colora-o ao invés de cair na tentação da negra autocomiseração. O novo álbum da banda é transformado na própria pessoa de DAVE LONGSTRETH que resgata o seu passado musical desde o primeiro instante e percorre-o lapidarmente até à sua separação. Não será um acaso ter escolhido para título do disco o próprio nome da banda. Contudo, o que o torna extraordinariamente atrativo é a sua capacidade de estender brilhantemente ao máximo as fronteiras do seu repertório musical, que não sendo um conceito exclusivo —recorde-se *22, A Million*, o último álbum de BON IVER— não é assim tão frequentemente bem conseguido.

Repensar uma identidade individual após uma separação não é processo fácil. A sensação de desamparo aliada à forte presença e ideia que se tinha do outro, faz questionar toda a conceção da relação e de si próprio. Houve claramente uma necessidade do artista redimensionar a pessoa que amou e os seus sentimentos, separando a projeção que fez da realidade. Mas ao invés de uma catarse claustrofóbica e obscura, DAVE LONGSTRETH expressa a sua dor com uma extraordinária candura e luminosidade. O álbum arranca com “*Keep Your Name*”, já editado como single, que desde logo denuncia o tom e o mote do disco. E presente-se que as restantes nove canções fazem todo o sentido como elementos integrais de um único organismo. Os dois singles que se seguiram, “*Little Bubble*” e “*Up in Hudson*”, confirmam a premissa de que DIRTY PROJECTORS é uma ode à separação. A tríade de singles revela, por um lado uma vocalização familiar extraordinariamente honesta, e por outro espelha uma construção lírica da realidade explícita e da sua trajetória, quer na perspetiva enquanto elemento da banda, quer na perspetiva pessoal.

Neste contexto o tema “*Up in Hudson*” remete inclusivamente para a cidade onde parte do álbum foi escrito, e cita explicitamente na letra da canção o processo criativo partilhado com a companheira e os votos de amor eterno cristalizados na canção de “*Stillness Is the Move*”, que integra o alinhamento do álbum de 2010 *BittaOrca*. Na mesma ordem de ideias, “*Keep your name*” recorre ao repertório da banda, ao arquitetar um sample da vocalização de uma parte da letra, mais concretamente a frase *We don't see eye to eye's*, a partir da canção “*Impregnable Question*”, alinhada no disco *Swing Lo's*.



A riqueza da paleta musical é também desde logo denunciada na abertura do disco, experimentalismo rock com piscadelas de olho que vão desde o já recorrente R&B ao Hip-Hop. O tema “*Death Spiral*” evoca o registo sexy das músicas a que JUSTIN TIMBERLAKE ou TIMBALAND nos habituaram. Por sua vez, a canção “*Cool Your Heart*”, que conta com as colaborações de SOLANGE e DAWN, eleva ainda mais o género ao juntar-lhe ritmos caribenhos.

“*I see You*”, que encerra o disco, evoca a canção em formato de uma balada à moda de SERGE GAINSBURG, enriquecida com órgãos distorcidos e elementos R&B esraçalhados, num cruzamento absurdamente caótico mas delicioso, numa métrica aparentemente desordenada mas que no final nos faz todo o sentido. Pelo menos neste contexto, sobretudo porque se sabe por experiência, que a realidade é tudo menos linear.

A complexa narrativa musical de DIRTY PROJECTORS atravessa todo o disco ditando a sua estrutura, onde as flutuações métricas são apresentadas sempre de forma inesperada. O tema “*Ascent Through Clouds*”, é um reflexo perfeito desse espírito, porque parte de uma linha de cordas de viola clássica, na qual o ritmo crescente provoca várias inflexões e derivações, culminando num turbilhão de elementos eletrónicos aparentemente contraditórios. Assim como “*Work Together*”, que parte de uma base de piano, para se atirar depois para inesperados territórios com texturas de contornos arabescos.

Contrariamente ao que seria de esperar, Dave Longstreth não recorre a uma melancolia cinzenta e deprimida, mas decide antes conceber um disco que retrata uma separação de forma antagónica, processando uma reflexão profunda e comovente da sua dor, num tom o mais colorido possível. Ao expor-se de forma tão honesta e sensível, mas com uma incrível plasticidade, faz com que DIRTY PROJECTORS se torne num disco incontornável, sobretudo porque a sua tristeza ultrapassa os limites da soturnidade e lança-se na estratosfera da luminosidade eletrónica.

Tyler, the Creator

texto por Rui Miguel Abreu
foto por Julian Berman

A 14 de Julho, o extraordinário TYLER, THE CREATOR vai manter a pressão hip hop sobre o cartaz do Super Bock Super Rock que, com o sucesso em 2016 do concerto de KENDRICK LAMAR, pode muito bem ter descoberto a pólvora. Na bagagem, o rapper da ODD FUTURE trará *Cherry Bomb*, disco de 2015 que no entanto continua mais fresco do que uma alface, tal o grau de criatividade originalmente investido. Conhecendo-se TYLER, é certo que haverá outras novidades para serem debitadas no Parque das Nações e até lá, seguramente que serão avançadas algumas surpresas. Através da internet, claro, que tem sido a principal plataforma para a imposição da sua vertiginosa carreira.

TYLER pode parecer um miúdo, vestir-se como um skater acabado de sair do liceu, mas percebeu, antes de todos os tubarões desta indústria, que a internet lhe dá todas as ferramentas necessárias à construção do seu próprio império. Primeiro com o Tumblr e depois com o Twitter, TYLER construiu uma sólida base de fãs que lhe permitiu, no final de 2009, estreiar-se com *Bastard*, eliminando de facto os intermediários e indo diretamente à jugular dos fãs. E enquanto a indústria ainda se debatia a discutir se os downloads eram ou não o futuro, como castigar quem descarregava música ilegalmente da net, etc., TYLER, que então contava apenas 18 anos, parecia dizer “ignorem-nos a todos e sigam-me”. E as pessoas seguiram-no: atualmente, o rapper conta com quase quatro milhões

de seguidores no twitter (conta @tylerthecreator) e começa também a perguntar-se se realmente precisa dessa plataforma, argumentando que os tweets que vai disponibilizando, que já passaram os 40 mil, são conteúdo que está a oferecer a uma plataforma alheia.

TYLER, THE CREATOR, quando não está a vestir a pele de orador em conferências decisivas para o futuro dos media, quando não está a desenhar roupa (é a isso que se refere a palavra Golf estampada em muitas das roupas com que faz fotografar), a pensar em séries de televisão, a tweetar para milhões ou a skatar no parque mais próximo de casa, também faz música. E aos 26 anos já conta uns impressionantes quatro álbuns —*Bastard*, *Goblin*, *Wolf* e *Cherry Bomb*. Para este último trabalho, PHARRELL WILLIAMS funcionou como um guia. Ao seu lado, o rapper e produtor (e cada vez mais produtor) reuniu gente como DAM FUNK, ROY AYERS e até arregimentou uma secção de cordas que gravou no estúdio de HANS ZIMMER, o premiado compositor de bandas sonoras. E depois contou com ajudas preciosas de KANYE WEST, SYD dos THE INTERNET ou KALI UCHIS.

Agora, o hiperativo criador prepara um documentário que não deverá demorar a estreiar. Tudo o que possa pôr cá fora será útil para irmos contando os dias que faltam para o seu discurso num Parque das Nações Unidas sob a mesma batida. Venha ele!





01. Adidas x Stella McCartney 02. Mango 03. Dolce&Gabbana 04. Gucci 05. H&M Studio 06. Zara 07. Diesel 08. Pelcor 09. DC 10. Mango 11. Diesel 12. Saricotango 13. Carrera 14. Fred Perry x Amy Winehouse

Enquanto criança ouviu muita música dos anos 60, 70 e 80 por intermédio da irmã mais velha. Mais tarde desenvolveu uma paixão enorme pela guitarra e bateria, ficando encantado com o facto de ser possível reproduzir nota por nota

toda a música que ouvia e admirava. Hoje, BRUNO PERNADAS e os seus compagons de route partilham a sua música com muitas cores do mundo nos discos, concertos em salas e festivais, nas bandas sonoras para bailado, cinema e teatro. Mas não só, se ele, no período de adolescência consumia de uma forma obsessiva toda a música que era emitida nos programas de televisão “120 minutos”, “Alternative Nation” e “Wah Wah”, hoje podemos escutá-lo também nos separadores da RTP1.

Bruno Pernadas

O que andaste a fazer nestes últimos 9 anos?

Nos últimos nove anos desenvolvi muitos projetos, tentarei de alguma forma dar relevo aos que considero mais importantes. Gravei o meu primeiro disco de originais que nunca foi editado, mudei de casa, voltei a treinar natação, visitei Itália duas vezes, perdi o meu primeiro carro, terminei a minha formação académica, voltei a gostar de RnB, criei os JULIE & THE CARJACKERS em parceria com o JOÃO CORREIA, editei três discos em nome próprio, trabalhei para a Companhia Nacional de Bailado para a peça “Romeu & Julieta”, onde compus, toquei e dirigi um ensemble de oito músicos, fiz a banda sonora original para dois filmes “A toca do Lobo” de CATARINA MOURÃO e “Steamboat Bill jr” de BUSTER KEATON a convite do Festival Curtas Vila do Conde. Dei aulas de música em várias Escolas de Lisboa, atualmente apenas leciono na Escola do Hot Clube.

Quais os artistas que te constroem? Que levam a seres o Bruno Pernadas que conhecemos?

Existem muitos discos importantes para a minha vida que de alguma forma tiveram uma influência mais direta na minha forma de compor e de tocar, tais como a banda sonora original criada por DAVID BOWIE para o filme “The Labyrinth” (1986), “Jewels of the Sea” de LES BAXTER, todos os discos de PIXIES até ao disco “Trompe le Monde”, hip hop dos anos 90, a maior parte da música jazz desde dos anos 30 até aos anos 80, BERNARD HERRMAN, CÉSAR FRANCK, ALEX NORTH, enfim...é muito complicado sintetizar.

Compuseste para o bailado “Romeu e Julieta”, para a longa metragem “A Toca do Lobo”, para a peça de teatro “A Origem das espécies” e os novos separadores da RTP1, como te adaptas aos diferentes terrenos?

Tento perceber qual o tipo de dramaturgia e/ou abordagem cénica/emocional que o encenador pretende, quais as suas referências, qual o processo de criação, as suas opções, características funda-

mentais, no fundo tento decodificar quais os fatores mais importantes a nível emocional, para mais tarde através da composição musical tentar enaltecer ou transformar os diversos momentos. Tento também usar diferentes instrumentações nas várias peças, no caso do bailado “Romeu e Julieta” usei naipe de sopros, duo de cordas e secção rítmica, a composição teve como base algumas referências da música erudita contemporânea, eletrónica e música de câmara. No caso dos separadores da RTP, usei sintetizadores analógicos e a música Lounge, easy-listening dos anos 70 como base de criação.

Música



Entrevista em www.parnmag.com

Como te manténs a “alegria num mundo cheio de conhecimento” e no pior “Verão de sempre”?

Não mantenho. A vida dos músicos e compositores profissionais é muito exigente e por vezes pode ser muito frustrante, muitas pessoas fora da área não têm consciência que para alcançar certos resultados como músico profissional tem que se estudar e trabalhar imenso, é uma vida dedicada inteiramente à carreira sem ter certezas que este investimento pessoal algum dia chegará a algum lado significativo, tal como na dança ou no desporto. Tento não passar muito tempo dentro de estúdios, vejo muitos filmes, estou próximo da praia sempre que posso e não leio emails depois das 20h.



texto por Marcelo Marcelo

fotos por Vera Marmelo



JORGE CAIADO cresceu numa casa onde a presença de música fora sempre muito forte. E, se ao início escutá-la era um hábito, rapidamente se tornou numa necessidade e mais tarde uma obsessão e ganha-pão. Apesar dos seus 27

anos, JORGE CAIADO multiplica-se em funções como um veterano —DJ, produtor de música, engenheiro de som, tem a sua loja de discos, está envolvido em várias editoras e numa agência, integra o clube MINISTERIUM e é ainda um dos homens do novo festival Lisboa Electrónica. Com este curriculum imbatível é hoje uma das figuras mais relevantes na cena clubbing e da música de dança e eletrónica em Portugal.

Jorge Caiado

Quando te começaste a dedicar à música eletrónica e de dança?

No que toca à música eletrónica e de dança, comecei a interessar-me mais durante a minha adolescência, tendo sido uma consequência das primeiras saídas à noite nos bares locais, onde me deparei pela primeira vez com o papel do DJ e o impacto/influência que isso tinha nas pessoas. Essa interação fascinou-me a um ponto que quis aprender mais sobre a cultura de DJ e música de dança. Rapidamente, comecei a pesquisar mais música, artistas, editoras ao mesmo tempo que fui aprendendo a misturar discos. A necessidade de compor e produzir veio logo a seguir, pois comecei de forma natural a querer expressar-me artisticamente através da criação de temas. A vontade de conseguir "tocar" as pessoas da mesma forma como alguns temas me tocavam surgiu espontaneamente.

Além de DJ e produtor, tens desenvolvido outras atividades dentro da área da música de dança e eletrónica...

Tenho a minha própria loja de discos em Lisboa, a CARPET & SNARES RECORDS, criei duas editoras (a da loja e a MADLUV RECORDS); estou a gerir outras duas (GROOVEMENT com o dono e fundador RUI TORRINHA e a INNER BALANCE que é uma sublabel da histórica editora de Chicago do CHEZ DAMIER, a BALANCE RECORDINGS). Faço parte também da organização do novo festival de eletrónica nacional, o Lisboa Electrónica, assim como parte integrante do MINISTERIUM CLUB. Através da loja de discos tenho produzido eventos regulares para ajudar a promover DJs nacionais e novos artistas locais, assim como ajudo a divulgar o trabalho de alguns artistas internacionais ainda pouco desenvolvido cá.

Estás ligado à agência Carpet Music, porque consideras importante a existência da agência?

A CARPET MUSIC é uma extensão criada no princípio do projeto da loja que visa apoiar/agenciar não só os intervenientes no projeto como outros artistas em que acreditássemos e sentíssemos que podíamos ajudar de alguma forma. Neste momento sou agenciado por uma agência de Berlim —a ON BOARD MUSIC— que trata dos meus bookings a nível internacional, te das datas continuarem a ser tratadas através da CARPET MUSIC. Nos dias que correm e principalmente a partir de um certo patamar o papel de uma agência seja a nível de bookings seja a nível de comunicação é essencial na minha opinião. Só com este tipo de apoios/ferramentas os artistas conseguem lutar por um lugar na liga a cima, onde o que conta já não é só o que crias ou a forma como crias, mas essencialmente também a forma como fazes chegar essa mesma criação às pessoas e público em geral.

Clubbing



texto por Marcelo Marcelo
fotos por Miguel Alves

Qual a importância do clubbing, festas e festivais de música de dança e eletrónica no Mundo em que vivemos?

Continuo a acreditar na "filosofia" presente nos poemas da ALICE WALKER —"Hard Times Require Furious Dancing". Acho que a presença da música e dança, mesmo que num formato ainda meio "tribal" onde todos dançamos para nos libertarmos das coisas menos boas que se atravessam na nossa vida, continua a ser imprescindível no bem-estar de qualquer comunidade.

O que terias dito ao Jorge Caiado de há 9 anos?

Teria dito que mais importante do que esperar pela melhor altura para concretizar seja o que for, o melhor é ir fazendo, mesmo que sem as condições ideais, porque como um bom amigo sempre me diz "podes perder algumas batalhas, mas nunca percas a lição, isso é o que te tornará mais forte para a tua verdadeira caminhada".



De Paris a Londres, DANIELA BARROS tem a sua agenda ocupada, sendo que todas as suas coleções têm sido, desde 2013, regulares nas Fashion Week internacionais.

De modo a celebrar a secção de MODA nesta edição especial de aniversário, falámos um pouco com DANIELA sobre o que é, na sua perspectiva, a moda.

Daniela Barros

Moda

De que forma foste introduzida ao "mundo da moda"?

Desde pequena que tive contacto com o sector têxtil, mas só aos 19 anos decidi que queria desenvolver algo. Terminei o curso de design de moda em 2009 e com um grupo de amigos criei o WOLKE BOS. Desde o primeiro momento que iniciamos os trabalhos do WOLKE BOS até à sua apresentação pela primeira vez na passerelle principal do Portugal Fashion, o meu trabalho passou por apresentações em Maastricht, Paris, Madrid, pela plataforma Bloom no Porto e por vários concursos, sendo um dos mais importantes WHO'S NEXT Paris no qual fui galardoada com o primeiro lugar e título de melhor coleção feminina. A partir de 2014 vi o meu trabalho em Londres, Paris, Berlin, Changai e Nova Iorque. Fui galardoada com o prémio de Melhor Novo Criador dos Prémios Novos e nomeada para Melhor Novo Criador pela Fashion TV. Todos estes elementos, incluindo o facto de trabalhar com empresas e criadores internacionais, contribuíram para introduzir o meu trabalho como criadora a nível nacional e internacional.



texto por Henry Sequeira

fotos por Octávio Peixoto

O que é que mais te fascina no design de moda?

A liberdade de expressão que a área permite. Cada vez mais podemos deslumbrar e sentir, tanto em criadores nacionais como internacionais, mensagens que debatem assuntos delicados de uma forma direta e forte.

De que forma combinas o teu estilo com o modo de criar uma coleção?

De uma forma bastante natural. O estilo ou género não foi rigidamente imposto, mas trabalhado a partir das vivências e influências que tive até agora, dos países que visitei e do estudo ao longo de todos estes anos, de músicas, do meu meio envolvente... tudo influencia o meu trabalho.



O que nos podes dizer acerca da tua última coleção?

É uma coleção bastante "cool" e descontraída com um mood 80's e edgy.

Contudo sob uma figura austera e pragmática.

Qual achas ser a chave para a longevidade na indústria da moda? Há algum segredo que queiras partilhar?

Segredos? Não ter pressa, analisar sempre todos os passos, identificar os pilares e a estrutura que implica uma marca. Ser frio na análise das conquistas, ter em consideração que ter ou desenvolver uma marca implica muito investimento quer financeiro, quer pessoal.

És a pessoa que sonhavas ser quando eras pequena?

Não. Queria ser cientista, mas sempre com uma inclinação artística. A minha vontade esteve sempre em mutação e o mesmo acontece com o futuro. Tenho objetivos, mas no dia a dia temos sempre que desenvolver novas estratégias e ideias... e acho que esses são os meus planos para o futuro.



JOANA LINDA (1980, Lisboa) coleciona pensamentos, estados de espírito, amores, ilusões, impossibilidades e tantos outros detalhes subtis. Superando a banalidade da rotina, a fotógrafa escolheu a imagem como ferramenta para o autoconhecimento.

Joana Linda

tografia era um dos seus interesses. Tínhamos muitas câmaras fotográficas em casa e fui fotografando desde muito nova, sempre numa perspectiva amadora e para o álbum de família, até aos 18 anos, altura em que comecei a entender a fotografia como uma forma de expressão artística e levá-la a sério.

De que forma fundiste os vários géneros visuais na tua própria identidade?

De forma natural. A câmara fotográfica

ia comigo para todo o lado e eventualmente todas as câmaras que fotografavam começaram também a ter a ter a opção de filmar. Era inevitável rodar o botão e experimentar... Para além disso, tinha uma grande paixão pelo cinema que era, e ainda hoje é, uma das grandes influências do meu trabalho.

O que nos podes dizer acerca do teu último projecto?

O meu último projeto chama-se "Layla & Lancelot" e é uma mistura entre a video-arte e o documentário. Estreou no ano passado no DOC LISBOA e é um registro poético e visual das minhas

viagens diárias de casa para o trabalho e vice-versa. Na altura, trabalhava numa empresa e a impossibilidade de conseguir ter tempo para fazer o meu trabalho pessoal forçou-me —como forma de sobrevivência— a encontrar pontos de interesse na minha rotina. Pelo meio, sem que eu contasse, apaixonei-me.

Qual é a chave para a longevidade na indústria fotográfica?

Não faço a menor ideia. Eu continuo a fotografar porque gosto. Se continuo na "indústria" é porque algumas pessoas continuam a gostar do meu trabalho. Não tenho nenhum plano, nem nenhum segredo para partilhar. Por enquanto prefiro não pensar no meu legado porque também não me apetece pensar na minha morte.

texto por Teresa Melo

fotos por Joana Linda



SALOMÉ LAMAS (1987, Lisboa) é realizadora. Curiosa por natureza, faz uso dos paradoxos e transforma-os num cinema nunca fechado sobre si mesmo.

Salomé Lamas

De que forma foste introduzida ao cinema?

Assim de repente lembro-me de ter visto o "Pulp Fiction" na RTP2. Tinha oito anos, por aí. Tinha "bolinha vermelha" e estava autorizada a ver com a condição de fechar os olhos quando eles mandassem.

Cinema

Nunca me pediram para fechar os olhos em nenhum momento do filme. No secundário vivia próximo da cinemateca. Vi a obra integral de TRUFFAUT, BERGMAN, TARKOVSKY, por vezes eram os livros que me levavam aos filmes. Não escolhia. Via o que estava a dar indiscriminadamente, até porque não sabia por onde escolher, não tinha referências. A universidade estava a porta. Inscrevi-me em Filosofia na Universidade Nova, no secundário estava em Artes e tal decisão implicou ter de me preparar desacompanhada para o exame nacional de Filosofia e terminar Matemática a única classe à qual era aluna mediana, e ao mesmo tempo fiz as provas para o Conservatório de Cinema. Ser a primeira da classe, nunca implicou ter uma vocação, uma paixão, tinha diversos interesses. O meu conhecimento era apenas facilidade de assimilação e virtuosismo. Em nunca me acompanharam nos estudos, nunca lhes foi dado crédito, acompanharam o meu crescimento e partilharam comigo a vida — a decisão do que fazer com a minha própria vida sempre me foi entregue desde muito cedo.



A Torre, 2015
© Salomé Lamas

O que nos podes dizer acerca do teu último projeto?

Isso de último projeto não existe. No dia 15 de fevereiro, o "Eldorado XXI", última longa-metragem, estreou no circuito "comercial" (prepara-se a estreia comercial fancesa). Este foi também o último dia de exibição de *Mount Ananea*, instalação-vídeo que esteve em exibição na Galeria Miguel Nabinho. Encontro-me a desenvolver um espetáculo a convite da Bienal de Arte Contemporânea com coprodução do CCB.

"Salomé Lamas: Parafiction (Selected Works)" foi recentemente editado pela italiana MOUSSE PUBLISHING, dedicada a livros de arte. "Extinção", rodado em 2014-2015 na Transnistria (enclave pró-russo na Moldávia), Roménia, Bulgária, Alemanha, Moldavia e irá ser finalizado no primeiro semestre de 2017. "The Burial of the Dead" continua em exibição na Bienal de Imagem em Movimento na Suíça. Uma exposição no final do ano na Solar a cargo do Festival de Curtas de Vila do Conde para o qual produzirei uma nova obra resultante de materiais recolhido o ano passado em Kalimantan, Indonésia. Um doutoramento em fase de finalização. Visitas a universidades, masterclasses, festivais, projetos demasiado prematuros para abordar, etc.

Qual é a chave para a longevidade na indústria cinematográfica?

Como é que gostarias de deixar o teu legado?

Não penso nisso e não diria que me inscrevo na 'indústria cinematográfica'.

Acredito no desenvolvimento de um corpo de trabalho consistente e acredito no acumular de experiência. Foi cinema, como poderia ser outra coisa, acho que isso também se reflete no trabalho que tenho vindo a levar, fazer filmes é um métier igual a fazer sapatos.

Eldorado XXI,
2016 © Salomé Lamas



texto por Teresa Melo



MURTA é uma planta, cujo nome científico é TERESA COSTA GOMES. Também é uma jovem ilustradora de 24 anos, formada em Artés Plásticas e Design Gráfico. Com um fraquinho pela street art, MURTA é um talento em ascensão pelas paredes de

se Portugal a fora. O seu corpo é um jardim botânico e as suas mãos dão vida a formas abstractas, enquanto brincam com texturas e cores, desconstruindo a fauna e a flora. A interpretação fica a cargo de quem passa, de quem vê o seu jovem legado pintado pelas paredes, numa simbiose perfeita entre elementos naturais e figurativos. O seu trabalho está em exposição no WOZEN studio, em Lisboa, em Março.

Murta

De que forma foste introduzida na street art?

A primeira vez que pintei na rua foi nas Caldas da Rainha, com a intenção de "inaugurar" no evento Caldas Late Night, no qual estava a participar pela segunda vez. Não me introduzi propriamente na street art, foi simplesmente um desejo de fazer algo que na altura não era muito comum na cidade e saciar uma curiosidade minha –pintar uma parede, usar rolos e trinchas velhas, passar para outra escala.

De que forma fundiste formas científicas e botânicas –coisas aparentemente tão exactas– com o abstracto na tua arte?

Foi algo que aconteceu naturalmente e foi fruto de um percurso que passou por muitas outras fases. O facto de estar a trabalhar a natureza tem muito que ver com a minha infância. A minha avó paterna é botânica e investigadora e cresci a observar e analisar os frutos, as folhas, os caules, as curiosidades e estranhezas da flora. Contudo, o facto de ter trabalhado estes temas foi um acaso do percurso, foi uma consequência de escolhas que fui fazendo ao longo do meu projecto como MURTA. Tudo começou quando me comecei a importar com a forma acima de tudo –acima do contexto, da conotação e do conceito inerente a cada coisa. O facto de usar as "formas" e "deformações" para trabalhar as relações, não só entre si, mas também entre as cores, levou-me a invadir o universo da natureza para me inspirar para estas "criações". Encontrei nas minhas memórias muitos "objectos" ocultos –muitas formas sem nome, sem propósito, sem cheiro ou sabor. E senti a liberdade de as usar da maneira que me interessasse mais.

O que nos podes dizer acerca do teu último trabalho, "Na paisagem"?

"Na paisagem" é o nome da minha última série. Pinte sobreposições de memórias que, no seu todo, formam uma quase paisagem. Podia dizer, por outro lado, que é uma memória de paisagem formada por "objectos naturais". Trata-se da união de duas versões do meu trabalho e das duas dimensões da minha memória: o macro e micro. Jogo com o tamanho relativo das coisas e com a proximidade e intimidade com que as observo, trocando, sem ordem, umas texturas por outras. E o último trabalho que pinte numa parede foi em Loures e trata-se de uma composição destes elementos, sendo que um deles é bastante maior que os outros e é onde todos eles se depositam. Este "ser orgânico" está a quase que a saltar, criando profundidade, dando realismo e aumentando a sua possibilidade ilusória de "existir."

Qual é a chave para a longevidade na indústria do street art?

Não tenho muito a acrescentar aqui, pois sou da opinião de que qualquer coisa saturada deixa de possibilitar interesse infinito. Acho que "ninguém" nem nenhuma entidade tem o direito ou dever de controlar essa mesma saturação, ou a intensidade com que a "actividade" é praticada. Contudo, tenho a sensação que esta "paixão" que por aí anda é superficial e efémera. Penso que as crianças, que hoje em dia crescem a observar as ruas, seja a passear ou no trânsito, pela janela do carro, estão realmente a aproveitar o que a street art tem de melhor. Não procuram a assinatura para dizerem se gostam ou não, se tem ou não valor.

És hoje o que sonhavas ser em criança?

Sim! Ainda há pouco tempo vi alguns vídeos de quando tinha 7 anos, em que respondia à típica pergunta "o que queres ser quando fores grande?" com: astronauta, médica de animais ou pintora. E cá estou eu sempre na lua, a tratar a natureza na pintura.



texto por Joana Teixeira



O FILIPE MAGALHÃES, a ANA LUÍSA SOARES e o AHMED BELKHODJA conheceram-se num atelier de arquitetura na Suíça. Eram colegas e amigos e tinham as mesmas ideias. Por isso, quando chegou a hora de juntarem as experiências acumuladas e fundarem o seu próprio atelier, tudo encaixou num processo natural. Desde 2013, inicialmente no Porto e agora também em Lisboa, o FALA ATELIER é o rosto da arquitetura jovem portuguesa, que não conheceu a crise e que sem complexos reivindica, entre outras coisas, imaginar a nova arquitetura da classe média.

Fala Atelier

O vosso atelier foi fundado por 3 elementos, em que proporções entra a amizade e a questão profissional para a concretização do vosso projeto?

Antes de trabalharmos juntos no atelier já o tínhamos feito na Suíça. O modo como trabalhamos advém de um certo nível de cumplicidade e de uma noção

clara de que estamos "a remar para o mesmo lado". Temos objetivos e ideais comuns. Esta amizade é um ponto comum com todos os nossos colaboradores: trabalhamos juntos todos os dias e a ideia de hierarquia é quase irrelevante. O atelier funciona numa base muito horizontal.

Abrir um atelier em Lisboa representou o quê para a vossa equipa?

Acima de tudo, uma necessidade. Estamos baseados no Porto, onde temos maior parte dos nossos projetos em construção; no entanto, a quantidade de encomenda em Lisboa cresceu muito e precisávamos de dar uma resposta. O novo atelier é um satélite que nos permite responder com maior eficiência aos projetos em Lisboa, mas é também, num nível mais teórico, uma expansão da nossa própria ambição: somos um atelier jovem, mas com uma enorme vontade de agarrar mais e maiores projetos. Esta é a primeira derivação concreta nesse sentido.



Chiado Apartment,
Lisboa, Jan.2015 – Nov.2015



Com a crise que atravessamos falou-se também muito na crise dos ateliers de arquitetura, em que medida isso vos afetou ou não?

Começamos o atelier no início 2013, em plena crise. Não chegamos a conhecer o contexto anterior, logo não é fácil comparar os dois cenários. No entanto, no cenário que encontramos, vimos imensas possibilidades: um mercado a querer levantar-se e uma absoluta ausência de concorrência de jovens ateliers. Depois da publicação do primeiro projeto, que aconteceu um pouco por acaso, os restantes vieram em sequência. Conseguimos estabilizar-nos no pior momento e agora, resta-nos seguir a onda que criamos. Crescemos em contraciclo.

Como olham para a arquitetura portuguesa especialmente para a vossa geração?

Com alguma apreensão, mas também com esperança. Faltam ateliers jovens que ajudem a reciclar uma "classe média" da arquitetura desatualizada e perdida no tempo. As escolas devem ter um papel fundamental em abrir Portugal ao mundo, dado que a maior parte do produto que formam acaba a trabalhar fora do país, mas mais ainda para potenciar o que acontece dentro de fronteiras. Estamos em 2017, não em 1984, e precisamos de aceitar que o mundo mudou, acelerou. A nossa geração estudou fora, está a ter a oportunidade de trabalhar por todo o mundo: é legítimo por isso esperar que estas sinergias possam convergir numa dinamização da cena nacional.

Ficaram internacionalmente conhecidos pela vossa experiência de vida na torre Nakagin Capsule Tower, basicamente um edifício em período de extinção de vida, como seria ver um dos vossos projetos realizados morrer?

Natural. Os edifícios têm uma vida própria depois de sairmos de cena, e a morte é o horizonte tangível de todas as coisas, tornando-as em ruína ou memória. Há da nossa parte uma abertura total à ideia de "substituição", por oposição a este espírito pseudo-reabilitador dos últimos anos, e aceitar que os nossos edifícios desaparecerão a dado momento é necessário. As cidades são ecossistemas com vida própria.

Arquitectura



Graça Apartment,
Lisboa, Out.2015 – Mai.2016



Príncipe Real Apartment,
Lisboa, Jul.2014 – Out.2014



Garage House,
Lisboa, Set.2015 – Abr.2016



TIAGO SÁ DA COSTA é um jovem de 34 anos formado em Design de Equipamento. Designer de profissão e artesão amigo do ambiente, abraçou a cortiça como matéria-prima predilecta e desenvolveu a sua própria técnica orgânica de trabalho.

Inspirando-se nas formas da natureza, qual Gaudí contemporâneo, cria peças sustentáveis jogando com linhas naturalistas. É um talento do design funcional ecológico e pretende elevar a cortiça a património da textura.

Tiago Sá da Costa

De que forma foste introduzido no design?

De certa forma desde cedo todos estamos, de uma maneira ou de outra, rodeados e expostos ao design. A curiosidade de como as coisas são feitas e a atenção ao detalhe foram lentamente introduzindo-me ao design ao longo da vida.

Mas, só nas aulas de Educação Visual e Tecnológica é que me apercebi que o

design era todo ele uma disciplina por si próprio. Em última instância, foi quando fiz Erasmus em Maastricht na Holanda, e a faculdade organizou uma visita de estudo à semana de design em Milão —aí sim fui verdadeiramente introduzido ao mundo do design contemporâneo e tive contacto com as diferentes vertentes da disciplina. Abriu-me os horizontes para além daquilo que aprendera até então em Belas Artes.

De que forma fundiste o design funcional com a vertente ecológica?

Tendo atenção à escolha dos materiais e das técnicas utilizadas, não só no produto mesmo. O facto de trabalhar com um material extremamente ecológico. lizar materiais adjacentes que fossem imprescindíveis. Por exemplo: uso goma vez de um qualquer verniz ou resina sintética; para as embalagens uso fita cola de papel em vez de plástica e pepitas de enchimento biodegradáveis à base de milho, em vez das tradicionais de poliuretano ou poliestireno.

Design

Porque escolheste a cortiça como matéria prima de eleição?

A cortiça é um dos materiais mais sustentáveis e é um material endémico à região mediterrânea, com grande abundância no território português. O meu primeiro contacto com a cortiça deu-se na faculdade, onde um enunciado requeria que usássemos aglomerado de cortiça para um exercício. Desenvolvi então a minha própria técnica de trabalhar o aglomerado de cortiça. Com o curso acabado vi o potencial dessa técnica aliado à sustentabilidade da cortiça em si, e resolvi dar seguimento ao trabalho. Isto antes do grande "boom" de objectos feitos em cortiça que hoje em dia testemunhamos em Portugal. Mais tarde, em retrospectiva, apercebi-me também que tendo passado partes da minha infância em Portalegre no Alentejo, de onde eram os meus avós, cresci rodeado de sobreiros e de artesanato em cortiça. Isso talvez me tenha também influenciado a um nível subconsciente.

Qual é a chave para a longevidade na indústria do design?

A longevidade do design deve estar na qualidade versus quantidade, e na preocupação de uma produção sustentável. Vivemos numa sociedade que produz toneladas de lixo por dia e numa economia de capitalismo em que as coisas são feitas para não durar mais de 2-3 anos. O design deve contrariar esta tendência e apostar na qualidade, durabilidade e sustentabilidade das técnicas e materiais utilizados, tal como tentar reverter alguns comportamentos de consumo errados e não sustentáveis. E no seguimento desta ideia, gostaria de influenciar uma consciência e preocupação ecológica na forma como se produz e consome design.

És hoje o que sonhavas ser em criança?

Não, quando era criança sonhava ser ilustrador de banda desenhada. Sempre fui grande fã do género, em mais novo era um ávido colecionador, em particular dos "comics" americanos. Sonhava um dia poder escrever e ilustrar a minha própria publicação de BD. Mas, isso era noutros tempos, pois desde a faculdade que aprecio mais trabalhar em 3 dimensões. Talvez ainda não seja hoje exactamente aquilo que quero ser, mas já estive bastante mais longe. No primeiro ano do curso um professor afirmou que apenas 1/5 dos alunos inscritos acabaria a trabalhar em design. E desde então que disse a mim mesmo que faria parte desse "quinto" —lutei para isso e ainda hoje trabalho em design.

texto por Joana Teixeira

retrato por Maria Kallas



Mais do que um artista, HORÁCIO FRUTUOSO é um dinamizador cultural que foi capaz de aglutinar diferentes vontades, imprimindo pujança a uma cultura alternativa que nascia no Porto. De mudança para Lisboa, ou pelo menos entre as duas cidades, o mínimo que se espera é que tudo venha a acontecer a dobrar, num diálogo inter-geracional, como é comum nos seus projetos.

Horácio Frutuoso

És um novo lisboeta. Como foi deixar o Porto onde imprimias grande dinâmica no espaço alternativo?

A vontade de viver em Lisboa já era antiga, entretanto surgiu a oportunidade de vir viver aí, onde já desenvolvia alguns trabalhos e onde tenho grandes amigos. Não sinto que tenha deixado completamente o Porto, mas precisava de me concentrar mais no meu trabalho enquanto artista e para isso tinha de sair da

zona de conforto. Já surgiram algumas oportunidades com esta mudança. Gostava muito que o cruzamento entre os artistas das duas cidades fosse maior, há valências em cada uma delas capazes de contribuir muito para uma certa ideia de fortalecimento e valorização da arte portuguesa, e espero contribuir de alguma forma para que isso seja mais real.

De certa forma tens trabalhado bastante com a tua geração de artistas. Arriscas algumas ideias para defini-los?

É difícil não generalizar, porque existem contextos muito diferentes. Apesar de vivermos num período difícil, onde tudo é mais competitivo e efêmero, temos uma série de meios que permite sermos mais informados e autónomos. A internet coloca-nos a um nível global, é mais fácil acompanhar exposições que estão a acontecer fora do país, bem como o trabalho de diversos artistas e curadores, sendo até possível estar em contacto com eles. Também viajamos mais, e a nível académico existem imensas oportunidades de fazer estudos noutros países. Contudo, há falta de iniciativas para a "afirmação" de uma geração. Não vejo nenhuma proximidade ou vontade de acompanhar o trabalho de uns dos outros, como o de artistas mais velhos. E isso seria importante, porque é complicado sobrevivermos apenas do nosso trabalho quando não há uma estrutura sólida que suporte os artistas e que os ajude numa fase inicial, o que acaba por levar a uma dispersão. Tenho tido muita sorte com as pessoas com quem me tenho cruzado e trabalhado, tanto da minha geração muito generosos e fazem questão de me envolver no trabalho deles. Nos próximos acontecesse, acredito que seja muito regular. É saudável e todos nós ganha-

Arte

Recentemente fizeste uma exposição onde o texto estranhamente se impôs. Quando é que apareceu e qual a importância da palavra no teu trabalho?

A literatura é uma grande influência no meu trabalho. Fui educado a ler muito e há sempre um livro que de alguma maneira tem uma importância especial na concretização de um projeto em que esteja a trabalhar. Para além disso, começo sempre a pensar um trabalho através de um processo de escrita: mais do que desenhos, os meus trabalhos surgem de palavras que escrevo ou que encontro e das quais me aproprio. Também tenho um grande interesse no universo editorial, com o qual já tinha colaborado anteriormente, mas, por uma certa vergonha ou vontade de querer manter esse lado mais reservado, acabava por materializar essas ideias em imagens ou objetos sem que o texto tivesse essa importância, ou aparecesse só muito pontualmente. Quando estava a preparar a exposição *Black Dolphin* com o TIAGO ALEXANDRE, em Julho nos Açores, para o WALK&TALK, mostrei-lhe algumas coisas que escrevi e que andava a experimentar, muito influenciado por trabalhos tipográficos e de poesia concreta, e ele acabou por me convencer a apresentar esses trabalhos, onde dava grande relevância ao texto. O mesmo aconteceu na exposição individual *White Horse* que fiz recentemente no BREGAS em Lisboa. Olhando com alguma distância, sinto que são trabalhos muito mais crus e sinceros, como se me tivesse despedido, e para mim isso é muito importante neste momento.

Costuma-se dizer "para um homem se sentir realizado, deve fazer um filho, escrever um livro e plantar uma árvore". Qual deles se parece neste momento mais relevante?

É curioso que esse dito afirma que a realização acontece no fazer alguma coisa que à partida vai prevalecer à nossa morte. É uma ideia que julgo estar muito próxima daquela que tenho sobre produção artística, embora esteja ligada a um sentimento paralelo de insatisfação. Pelo trabalho que tenho feito, e por se tratar de uma vontade que está a ser planeada, neste momento fazer um livro parece-me ser mais relevante.

texto por Francisco Vaz Fernandes



Entrevista em www.patmag.com



Exposição *White Horse*, Galeria Bregas, Xabregas - Lisboa, 2016



óculos vintage na André Ópticas
blusão LEVI'S ORANGE

→
jeans LEE
cinto PEDRO PEDRO
blusão LEVI'S ORANGE
mosquetão CARHARTT
óculos vintage na André Ópticas



produção
Tiago Ferreira
m. João Luz
make-up
Vesúnia Lino
hair
Wellington Oliveira
m. Jonathan Lins
Sebastian + Marcin
(FRANCIS & MARCIS)
SPECIAL THANKS TO "O APARTAMENTO"



TELL ME ABOUT YOU.
"MY NAME IS MARCIN AND I'M 21
YEARS OLD. I'M FROM POLAND
AND I'M A FULL TIME MODEL."

DO YOU BELIEVE WHAT YOU SEE?
YES.

"SORRY GUYS, I GOTTA GO. I HAVE TO CATCH
MY FLIGHT TO CHINA, AND I'M ALREADY LATE."

愛
— LOVE —

→
óculos GUCCI na André Ópticas
calças CHEAP MONDAY
polo LACOSTE
blusão H&M



óculos vintage na André Ópticas
porta-chaves CARHARTT
mosquetão CARHARTT
camisa COS
jeans H&M



→
óculos GUCCI na André Ópticas
blusão ERMENEGILDO ZEGNA



TELL ME ABOUT YOU.
"MY NAME IS SEBASTIAN AND I'M 16
YEARS OLD. I'M BOTH DUTCH AND
SLOVAK. I'M CURRENTLY STUDYING.
I WANT TO TRAVEL THE WHOLE WORLD
AND BE SOMEONE IN LIFE."

DO YOU BELIEVE WHAT YOU SEE ?
MAYBE.

信念
- FAITH -



óculos vintage na André Ópticas
trench-coat COS
fato COS

óculos GUCCI na André Ópticas
loafers DR.MARTENS
tank top do stylist
blusão DIESEL
camisa LEVI'S
jeans H&M



W&A
Studio



FOTOGRAFIA *ANTÔNIO MEDEIROS*
STYLING *DANIEL BAPTISTA & SOFIA VASCONCELOS*
HAIR *DANIEL PEREIRA* PARA CHIADO STUDIO
COM L'OREAL PROFESSIONAL
MAKE-UP *TIAGO FIGUEIREDO*
MODELS *OLGA D. & LUCYANA*
(L'AGENCY)

óculos GUCCI na André Ópticas
camisola com folhos H&M
cinto e brincos UTERQÛE
saia PINKO

óculos GUCCI na André Ópticas
camisola CARLOS GIL
camisa MANGO
saia PINKO





←
vestido MIGUEL VIEIRA
brincos MANGO
calças ZARA



calças e casaco
CHRISTOPHE SAUVAT
brincos UTERQÛE

óculos CHLOÉ na André Ópticas
vestido e brincos MANGO
cinto UTERQÛE

óculos GUCCI na André Ópticas
camisola com folhos H&M
cinto e brincos UTERQÛE
saia PINKO

→
calças e casaco CARLOS GIL
top em denim PRIMARK
brincos CARLOS GIL
sapatos H&M



DeliDelux

texto por Francisco Vaz Fernandes
foto por Paulo Barata

A DELIDELUX, um espaço gourmet de referência em Lisboa, abre uma segunda casa perto da Avenida da Liberdade, adaptando-se às necessidades de uma zona, onde predominam os escritórios e um público que procura um almoço rápido. Numa área mais reduzida encontra-se um pouco da mercearia fina que caracteriza os primórdios da casa. Ao lado, situa-se um balcão que oferece um take away de refeições embaladas simples, sopas, saladas, sumos naturais, sobremesas para levar para o escritório ou para casa como acontece na maior parte das capitais.

DeliDelux Avenida
Rua Alexandre Herculano, Loja 15A
De 2ª a 6ª das 08h às 23h
Sáb, Dom e Feriados das 09h às 23h



Os que dispõem de mais tempo encontram ainda um serviço de restauração com uma carta criada pelo chef LUÍS GASPAR. Repete-se ainda o serviço de pequenos almoços com três variedades e um brunch ao domingo também sobejamente conhecido pelas suas três versões, tal como acontecia na casa mãe.

E, para que não haja nunca horas mortas, a DELIDELUX pensou ainda na tarde como o excelente momento para apreciar a sua extensa carta de vinhos. Entre as 16h–19h, está disponível uma carta de vinhos servidos a copo ou em garrafa que, semanalmente, lança dois espumantes, um champanhe, quatro tintos, dois rosés e três brancos da gama disponível na loja, perfeitos para acompanhar as tábuas de queijos e enchidos.



Mercado 48

texto por Francisco Vaz Fernandes

Uma concept store dedicada ao design com uma oferta eclética e única, entre o vintage e o contemporâneo é a proposta do MERCADO 48 num ambiente essencialmente rústico, onde sobressai o granito da pedra e os troncos de madeira. É uma verdadeira caverna de ali-bá-bá. A quantidade diversificada de tesouros faz da casa um local que nos convida a descobrir com calma até porque é possível nela tomar um chá. O objectivo é surpreender e proporcionar a convivência com muitas peças únicas. Por isso acaba por ser um excelente espelho do melhor e mais criativo se produz no Porto. Há mesmo um lugar de exposição que é o espaço de revelação de trabalhos de artistas ou de organização de workshops.

Apesar de encontrarmos uma mistura de vestuário, com produtos gourmet e peças de design, provavelmente o que chama à atenção da montra são os velocípedes, especialmente as bicicletas de madeira da MUD CYCLES concebidas por JOÃO BATISTA de Ovar e as bicicletas motorizadas vintage que vêm em grande parte da França, mas que depois são restauradas em Portugal. Como vê, chamarizes não faltam ao MERCADO 48, há um mundo a descobrir num único espaço.

Mercado 48
Rua da Conceição, 48, Porto
De 3ª a Sábª das 10h30 às 19h30



UMA INICIATIVA CONJUNTA



11 DE MARÇO 16H00 ÀS 21H30

ABERTURA COM TAMSIN LEJEUNE (ETHICAL FASHION FORUM - CEO) E PATRICK DUFFY (GLOBAL FASHION EXCHANGE - FOUNDER)

IDEA XCHANGE E NETWORKING COM TAMSIN LEJEUNE (ETHICAL FASHION FORUM - CEO)

GFX ART & FASHIONXPERIENCE: DJs, ATELIERS, WORKSHOPS, INSTALAÇÕES

12 DE MARÇO 17H00 ÀS 19H30

GFX SWAP MARKET
EVENTO DE TROCA DE ROUPA. TRAGA AS PEÇAS QUE JÁ NÃO USA E RENOVE O SEU GUARDA-ROUPA.

PHOTOSHOOT ABERTO AO PÚBLICO

CCB
RUA BARTOLOMEU DIAS

WWW.GLOBALFASHIONEXCHANGE.ORG

UMA INICIATIVA CONJUNTA



PATROCÍNIOS
SAMSUNG



ABSOLUT ELYX

SEPHORA

Renova

PARCEIROS E COLABORAÇÕES



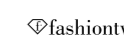
HOTEL OFICIAL

TV INTERNACIONAL

TV OFICIAL

RÁDIO OFICIAL

PARCEIRO MEDIA



Vintage Department

texto por Francisco Vaz Fernandes

Depois da extinção do ENTRETANTO no Príncipe Real, a VINTAGE DEPARTMENT reabre em Lisboa num andar térreo do antigo projeto multimarca, estabelecendo antes de mais uma relação com a rua que não tinha anteriormente. Ganham em espaço conseguindo dar uma imagem mais completa do VINTAGE DEPARTMENT que é seguido igualmente na loja do Porto e da Comporta.



Vintage Department
Rua da Escola Politécnica, 46, Lisboa

O projeto começa um pouco por acaso, com a paixão do casal ALMA e EMILY por certas peças de decoração, como por exemplo, móveis modernistas escandinavos. Por já não terem espaço na sua própria casa, o casal, como quaisquer colecionadores eternamente insatisfeitos, constantemente à procura de novidades e oportunidades de negócio, tiveram a ideia de abrir um ponto de venda, estendendo a loja, como um prolongamento da sua própria casa e do seu universo. Muitas das peças que estão ou já estiveram à venda mobilaram a sua casa e outras se bem que desejadas não encontraram espaço suficiente no seu lar, mas ainda assim, demasiado apetecíveis, para se deixar perder a oportunidade de as adquirir.

No mundo ideal de ALMA e EMILY podemos incluir um leque diversificado de produtos, onde no topo do bolo, temos os móveis modernistas de designers escandinavos. Ao lado, aparecem peças tribais, tapetes de lã berberes, objetos industriais obsoletos, mobiliário de fabrico próprio, tudo com grande potencial decorativo e de coleção. O exotismo também está presente em algumas peças de taxidermia e em algumas plantas raras. Ou seja, qualquer canto da loja é uma composição cuidadosamente montada por diversos elementos de mobiliário e de decoração para que cada cliente possa ter uma visão do potencial de cada conjunto na sua própria casa.



FOR EVERYDAY ADVENTURES

BIG AND SMALL



crocs™
COME AS YOU ARE™

IF IT'S IN YOU, IT'S OUT THERE.

MERRELL 
DO WHAT'S NATURAL

So existe em ti, existe lá fora.



MERRELL and the M Circle Design are registered trademarks of Wolverine Outdoors, Inc., a subsidiary of Wolverine World Wide, Inc. ©2017 Wolverine Outdoors, Inc. All rights reserved.